

## DESAFIO

D A B U

**Walden Camilo de Carvalho**

Curso de História — FAFICH

Quando saiu do buraco era um começo de noite. A lua estava cercada de uma fumaça azul e todo o resto do céu era verde, com um ou outro ponto brilhante, que talvez fosse aquilo que chamam de estrelas. Lembrou-se de quando ficava sentado nos trilhos da estrada de ferro e conversava com um pretinho chamado Vicente e falavam de viajar pelo espaço em naves prateadas e cheias de armas de raios. Falavam também numa guerra entre o Brasil e a Rússia, que seria gloriosamente decidida pelos Estados Unidos, que correriam a nos salvar daqueles canibais do outro lado do mundo. Mas isso foi há muito tempo, e agora enquanto tenta colocar a cabeça no lugar essas histórias começam a voltar pro fundo, de onde não deviam ter saído; vê que tudo está reduzido a uma enorme planície de escombros. Tijolos, ferro, cimento, corpos. Homens, mulheres, crianças e animais, alguns queimados e outros não. Aquelas mulheres lindas que via nas revistas deviam todas estar por aí, no meio de toda essa confusão, provavelmente mortas, com os seus corpos macios, os seios pequenos e pontudos, seus sexos sem cabelos, as coxas grossas. Agora isso não ia ter graça mais. Isso lhe fez lembrar que não comia há muito tempo, e não sabia bem quanto tempo havia permanecido ali, naquele buraco. Era preciso achar alguma coisa pra comer. Tentou lembrar onde havia um armazém. Talvez, debaixo dos tijolos. Foi nesse momento que começou a sentir o cheiro pesado de toda a cidade que apodrecia e pensou que era preciso achar logo alguma

comida e sair dali para algum lugar longe. Lembrava apenas de uma imensa explosão e de um calor forte demais. Era bem possível que achasse, também, alguma roupa mais nova do que aquela que andava usando há bastante tempo. Se não tivesse sobrado ninguém, não ia ter a quem pedir mais esmola. Então, era realmente necessário descobrir onde havia comida, se é que ainda havia alguma coisa. Voltar a comer raízes era uma coisa muito desagradável.

Tinha certeza de que aquele era o sétimo dia. As mãos já estavam muito esfoladas e as unhas haviam desaparecido. Pensou em descansar um pouco antes de tentar, pela última vez, vencer o resto de terra que bloqueava aquele túnel. Já havia perdido a sensação de fome e sede. Só havia uma coisa: era preciso sair dali e sobreviver. Não tinha a menor idéia do que havia acontecido. Só a explosão e o calor. Fez um último esforço e o bloco rolou para fora. Estava no meio de um enorme monte de blocos de cimento armado e ferragem. A lua era azul e o céu estava todo verde. Devia ser o começo da sétima noite. Era domingo, disso tinha certeza. Um cheiro podre pesava no ar. Precisava ver se havia sobrado alguém vivo, apesar da impressão de que, pelo que via, isso era inteiramente impossível. No entanto, não ia chorar; não ia desistir de nada; ia sobreviver de qualquer forma, nem que fosse sozinha, já que estava tudo acabado e que talvez fosse a última coisa viva no meio de tanta destruição; ia sobreviver até a última gota de ar. Até a última partícula de radiação. De repente se viu de pé no mais alto dos montes de destroços, a mão esquerda fechada e erguida para o céu e soltando um urro animal que não partia de dentro dela, mas do fundo mais fundo do que tinha de humano. Como o urro de um símio desafiado. E ela era um símio e havia um desafio. No mesmo instante, um outro berro, forte e suficiente para cobrir e estremecer aquele caos, arrepiou todos os seus cabelos. Não chorou. Desceu e seguiu o seu rumo.

Tiveram dois filhos: Caim e Abel.